

Editorial

Leandro Assis Santos

Rafaela Francisco da Nobrega

Nenhuma coisa está onde a palavra falta.

Stefan George

A *Revista Ensaios Filosóficos*, que chega a sua vigésima primeira edição, procura ampliar a beleza própria que perpassa ao vocábulo *revista*. Essa palavra, derivada do latim *revidere*, “ver de novo”, é composta por *re-*, “de novo”, combinada a *videre*, “ver”. É nessa toada que esta edição interpela seus leitores à necessidade radical de uma leitura atenta do que vem pela frente – talvez, mais de uma leitura. “Revista”, ainda, do francês *revue*, foi outrora um termo utilizado no teatro, cujo sentido indicava algo que diz respeito a um espetáculo que comentava fatos recentes.

É nessa ótica que a *Revista*, mediante os artigos ora publicados, visita temas “recentes”, não se considerarmos uma “linha histórica”, mas assuntos que jamais descansarão da concupiscência dos olhos humanos. Assim, o texto *Conjecturas sobre o não lugar da ambivalência na filosofia aristotélica*, escrito por Paulo Roberto Masella Lopes, visa, a partir do estagirita, pensar a problemática da ambivalência nas formas de conhecimento das ciências teóricas. Com isso, discute-se acerca das questões dos princípios lógicos que orientam as maneiras de interpretar a natureza, bem como, na atualidade, as ciências humanas. Os princípios da identidade e da não contradição igualmente se fazem presentes na argumentação, pois é por meio desses elementos que se descarta a ambivalência como critério de análise.

Já o artigo de Patricia Ketzer intitulado *Considerações sobre a viabilidade de um externalismo prescritivo* interroga, desde o início, as “objeções céticas” que passaram pela tradição filosófica sem a devida atenção. A partir disso, delimitações foram oferecidas para equacionar essa lacuna, sobretudo, interessando a autora as investigações de Alvin Goldman, que propõe o confiabilismo. Nessa esteira, Ketzer examina algumas das principais críticas acerca do externalismo, dentre as quais o suposto abandono de uma epistemologia descritiva.

O escrito chamado *Merleau-Ponty: sujeito corporal e a percepção de outrem no mundo antepredicativo*, assinado por Josiana Hadlich de Oliveira, pretende esclarecer a “experiência antipredicativa”, que em sua análise ocorre a partir da consciência encarnada, à luz da obra de Maurice Merleau-Ponty. Isso acontece mediante a percepção que sustenta o

sujeito frente ao mundo e o outro, bem como exige uma fina descrição do que se concebe por “corpo”, que se manifesta como um intermediário entre sensível e inteligível.

Por sua vez, Fernando de Sá Moreira, em *Racismo Acadêmico e Estudos Filosóficos*, elucida um profundo problema da realidade brasileira: o racismo. A necessidade de combater tal fenômeno é urgente em todas as instâncias de nossa sociedade, e não poderia ser diferente nas universidades e outras instituições de pesquisa. É nessa perspectiva que o autor assinala três pontos, longamente discutidos no escrito, que alcançam uma lista com 11 objetivos aos quais julga serem fundamentais na luta antirracista.

O artigo *O status político da humanidade a partir da modernidade na ótica de Hannah Arendt*, de Carlos Fernando Silva Brito, traz à baila uma reflexão que, mediante o auxílio da autora alemã, intenta refletir sobre a ascensão do “social” na modernidade. Da filosofia de Hannah Arendt, flerta-se com cenas políticas antigas de origem grega e romana, a fim de indicar como que a ascensão dos regimes totalitários do século XX prezou pela massificação do homem, bem como a tentativa de obliteração da pluralidade, condição humana da ação. Nessa ótica, uma abertura para as noções de *Homo faber* e *Animal laborans* não poderia passar ao largo de apreciação tão acurada.

Eudemonia – eudaimonia: a busca da felicidade, de Ricardo Marinho da Silva, visa percorrer alguns nomes da literatura e da filosofia a fim de aclarar a felicidade como o que empresta sentido à vida. Da antiguidade clássica grega, passando pelo medievo e modernidade até autores ainda ativos, como Gilles Lipovetsky, intenta-se expor a felicidade como um fenômeno plural e que bem se adapta aos processos históricos que tecem as teias do real.

Já as dúvidas de Isabela Simões Bueno em *A subjetividade do artista na arte americana do pós-guerra: a pop art versus o expressionismo abstrato* revela uma dúvida que acometeu a muitos teóricos que se debruçaram sobre a arte, a saber: como que a subjetividade de uma artista se presentifica (ou se oculta) em meio ao seu processo criador? Para responder a essa intrincada questão, recorre ao auxílio de Freud e sua psicanálise, bem como aos movimentos artísticos presentes no título de seu texto.

Sua conclusão, para não entrar nos *spoilers*, é um tanto quanto interessante, o que interpela nossa atenção e convoca a uma leitura acurada.

Juliana Lira Sampaio, em *Espaço e Cor(po): O olho e o espírito nas Impregnações de Cildo Meireles*, visita a obra *Desvio para o vermelho*, do artista carioca Cildo Meireles, a fim de refletir por meio da tradição fenomenológica, especialmente Maurice Merleau-Ponty, as dimensões de instauração dos campos de poder da arte.

Deleuze e o pensamento do e no caos: a filosofia que des-dobra, de Rodrigo Peixoto Barbara reflete acerca do caos em Gilles Deleuze em seus movimentos rizomáticos e dobras que compreendem a multiplicidade da filosofia da diferença deleuzeana, para tal discute os territórios do pensamento se baseando teoricamente no pós-estruturalismo.

Esta edição conta ainda com a reedição por ERRATA do artigo *A ideia de justiça em Nietzsche*, de José Francisco de Assis Dias e Reginaldo César Pinheiro, em que os autores analisam as ideias de justiça e direito a partir da crítica da moral ocidental proposta por Nietzsche, desmistificando o conceito de *justiça* enquanto paradigma metafísico, propondo uma definição que decorra da transformação própria do homem.

A resenha de *Vírus: tudo que é solido se desfaz no ar*, de Boaventura de Souza Santos, explora o impacto da pandemia global dentro de um contexto de crise permanente do sistema hipercapitalista e o aprofundamento das desigualdades sociais. Pensar em termos de crise *versus* normalidade provoca nossa concepção de normalização de um modelo de crises retrogeridas em função da manutenção do *status quo*. As disputas que a crise do coronavírus (SARS-CoV-2) provocou tiveram na mídia um meio de difusão de narrativas divergentes e pautadas por interesses econômicos. Interesses esses que não compreendem os mais vulneráveis, além da intensificação das misérias.

Nesta edição consta ainda a entrevista com a professora Dra Eloísa Benvenuti, autora do livro *Corpo e consciência: Merleau-Ponty, crítico de Descartes*, em que discute a consciência perceptiva em Merleau-Ponty se afastando de abstrações dualistas. Benvenuti ainda aborda a importância da educação em suas variadas esferas, além de discutir a presença/ausência da mulher na filosofia e perscrutar temas como feminismo, ética animal e anarquismo.

Pelo exposto, a Revista não tem por objetivo que seus leitores meramente percorram seus olhos por páginas à fio, mas, que urdam certo “habitar” e tenham certa demora/moradia em seus vastos campos de palavras. Para salientar a epígrafe: como afirmava outrora Stefan George, “Nenhuma coisa está onde a palavra falta”.